

TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes Femininas Negras

ORGANIZADORAS

Norma Diana Hamilton

Alessandra Ramos de Oliveira Harden



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia

EDITORA



UnB



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos



TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes Femininas Negras



ORGANIZADORAS

NORMA DIANA HAMILTON

ALESSANDRA RAMOS DE OLIVEIRA HARDEN



	Equipe editorial
Coordenadora de produção editorial	Marília Carolina de Moraes Florindo
Revisão	Norma Diana Hamilton Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Diagramação	Laissa Reis Larissa Brasil
Foto de capa	René Strehler

© 2021 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
 Editora Universidade de Brasília
 SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
 2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
 Telefone: (61) 3035-4200
 Site: www.editora.unb.br
 E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
 desta publicação poderá ser armazenada ou
 reproduzida por qualquer meio sem a autorização
 por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
 Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

T763 Tradução como prática de resistência e inclusão : vozes femininas
 negras / organizadoras Norma Diana Hamilton, Alessandra
 Ramos de Oliveira Harden. – Brasília : Editora Universidade
 de Brasília, 2021.
 228 p. ; 23 cm. – (Pesquisa, inovação & ousadia).

ISBN 978-65-5846-000-8.

1. Escritoras negras. 2. Resistência. 3. Tradução. 4. Interface
 gênero e raça. I. Hamilton, Norma Diana (org.). II. Harden,
 Alessandra Ramos de Oliveira (org.). III. Série.

CDU 81`25:82

SUMÁRIO



Apresentação _____ 7

Norma Diana Hamilton
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

Literatura feminina negra e tradução: mapeando (in)visibilidades _____ 15

Norma Diana Hamilton
Gleiton Malta

Yvonne Vera: a análise de sua criação de prosa por meio da poesia como aporte para a tradução de seus contos _____ 53

Cibele de Guadalupe Sousa Araújo

A escrita caribenha: corações migrantes, memórias e relações _____ 89

Dyhorrani da Silva Beira

**A tradução comentada de “The invention of women”:
um diálogo com Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez** _____ 123

Gardênia Nogueira Lima
Alessandra Ramos de Oliveira Harden

**A escrita de Conceição Evaristo em uma perspectiva interseccional:
literatura afro-brasileira em tradução** _____ 163

Marcela Iochem Valente

**O corpo feminino negro tradutor: a construção de narrativas
nacionais na diáspora** _____ 191

Valeria Lima de Almeida

Últimas palavras às(aos) leitoras(es) _____ 225

Norma Diana Hamilton
Alessandra Ramos de Oliveira Harden



LITERATURA FEMININA NEGRA E TRADUÇÃO: MAPEANDO (IN)VISIBILIDADES



Norma Diana Hamilton¹

Gleiton Malta²

A TRADIÇÃO LITERÁRIA FEMININA NEGRA

A literatura feminina negra forma uma tradição literária identificada como periférica, porque se oriunda de vozes que foram injustamente marginalizadas. Essa literatura põe em relevo questões étnico-raciais e de gênero, questões que, na segunda metade do século XX, não foram dadas merecida atenção por grupos que se viram como maioria. Ao retratar as diferentes formas de opressão que sofrem as mulheres negras em

¹ Professora Adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília. Doutora em Literatura e Práticas Sociais. Líder do Grupo de Pesquisa “Mayombe: Literatura, História e Sociedade”, registrado no CNPq. Email: Norma_diana@unb.br.

² Professor Adjunto do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia e membro do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da UnB. Líder do Grupo de Pesquisa “MapTrad”: Mapeamentos em Tradução, registrado no CNPq. Email: gleitonmalta@gmail.com.

sociedades patriarcais eurocêntricas, assim como apontar caminhos para a justiça social, a literatura feminina negra se torna uma manifestação de arte que contrapõe à tradição literária eurocêntrica, em que a cultura e identidade negra se encontram negligenciadas, representadas de forma inadequada, distanciada, silenciada, objetificada, estereotipada, inferiorizada, invisibilizada.

A literatura feminina negra contribui para construir um espaço em que as mulheres negras podem atentar certa expressão de subjetividade, buscar construir imagens positivas e reais de si, buscar reinserir-se em espaços nos quais foram negadas existência. É uma literatura de “reexistência”, termo que se apropria da pesquisadora brasileira Ana Lúcia Souza, cuja tese de doutorado (SOUZA, 2009, p. 32) mostra como os letramentos praticados por um grupo de estudantes, envolvidos no movimento cultural *hip hop* de sua comunidade, lhes permitem reconstruir suas identidades, ressignificando papéis e lugares sociais a eles atribuídos por uma sociedade ainda marcada por injustas desigualdades raciais. No contexto deste capítulo, reexistência remete à resistência e ao empoderamento possibilitado pela literatura negra produzida por escritoras negras, para (mas não exclusivamente) mulheres negras.

O objetivo neste texto é apresentar um levantamento feito sobre autoras negras anglófonas, como parte de um projeto de pesquisa mais abrangente sobre autoria feminina negra e tradução³. Este estudo está inserido no campo de disciplinas dos Estudos da Tradução, em seu ramo teórico, descritivo, orientado à função, e faz parte de um conjunto de estudos realizados no âmbito do grupo de pesquisa Mapeamentos em Tradução (MapTrad)⁴, vinculado ao CNPQ e fundado no Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

³ Pretende-se, em projetos posteriores, mapear a autoria feminina negra hispânica e francófona das Américas e da África, assim como as respectivas traduções no Brasil.

⁴ Cf. dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2060501981311209. Último acesso em 23 mar. 2021

Trata-se, mais especificamente, de mapeamento, feito entre o final de 2019 e início de 2020, com o propósito de quantificar a autoria feminina negra de língua inglesa nas Américas e na África e a tradução dessa autoria no Brasil. O objetivo específico foi identificar: (i) o número de escritoras negras anglófonas das Américas e da África que têm produzido romances e memórias no período de 1970 a 2018; (ii) a quantidade de obras produzidas por cada uma dessas autoras; (iii) o número dessas obras que são traduzidas no contexto brasileiro.

O recorte temporal dado à pesquisa limitou a coleta de dados a obras publicadas entre 1970 e 2018. Decidiu-se por esse ponto inicial porque foi na década de 1970 que se viu um aumento significativo na produção literária de escritoras negras tanto nas Américas quanto na África em virtude do início e consolidação do movimento feminista negro nos Estados Unidos (doravante EUA). Esse fato teve impacto mundial, incentivando as mulheres negras a contar as suas histórias. Em relação ao período final, 2018, a decisão se deveu à data em que se começou com a coleta de dados para o mapeamento, dezembro de 2019.

A relevância deste mapeamento se deve à necessidade de se analisar o espaço dessa literatura no campo geográfico delimitado, as Américas e a África e, mais especificamente, o espaço da tradução de escritoras negras anglófonas no sistema literário brasileiro. O trabalho se justifica igualmente pela oportunidade de identificar as possíveis lacunas, isto é, verificar quais autoras não são traduzidas nesse contexto, para então, estimular um debate sobre a questão de negligência, referente à produção literária feminina negra, a cultura e identidade feminina negra.

Decidiu-se mapear a prosa produzida pelas escritoras, uma vez que esse gênero foi um veículo popular na problematização das questões das mulheres negras nas primeiras décadas do movimento feminista negro. Apresentamos a seguir um breve panorama dos primeiros registros de literatura produzida em língua inglesa por mulheres negras, pensando o espaço geográfico delimitado para o mapeamento.

AS PIONEIRAS

Em corajosa iniciativa, Henry Louis Gates, Jr. e Nellie Y. McKay (crítico literário e crítica literária afro-estadunidenses) resgatam, em sua antologia *The Norton Anthology of African American Literature* (1997), a primeira obra de autoria afro-estadunidense, que é a coletânea de poemas *Poems on Various Subjects, Religious and Moral*, da escravizada Phillis Wheatley (1773). Como já foi apontado por Hamilton (2020), esse dado é relevante por mostrar que, apesar da condição opressora em que viviam as mulheres negras, elas tentavam expressar talentos artísticos, ainda que nem sempre na área da poesia ou das artes plásticas.

As escritoras pioneiras dão destaque em suas obras à vida de mulheres escravizadas e mostram que, devido à opressão sexual, à gravidez indesejada e à responsabilidade pelos afazeres domésticos, as mulheres negras tiveram experiências opressoras distintas daquelas dos homens negros. Isso é retratado no *slave narrative*, romance autobiográfico, *Incidents in the Life of a Slave Girl*, produzido em 1861 por Harriet Jacobs, uma escravizada fugitiva. O gênero ‘*Slave Narrative*’ [narrativa de escravizadas/os] é registrado como tendo uma influência significativa na formação de narrativas ficcionais afro-americanas (GATES; McKAY *et al.*, 1997).

O primeiro romance autobiográfico registrado produzido por uma mulher negra é *Our Nig; or, Sketches from the Life of a Free Black* (1859), de Harriet Wilson, uma afro-americana nascida livre. A obra denuncia as novas formas de brutalidades vividas pelos negros afro-americanos nessa época. Essa produção recebeu o merecido reconhecimento apenas no início dos anos 1980, quando houve o trabalho de resgate por parte da crítica literária afro-americana. Podemos identificar o atraso no reconhecimento desta produção. Apesar desse atraso, diversas mulheres negras em diferentes regiões do mundo surgiram a partir do século XX para registrar os seus contextos e experiências singulares. Dessa forma, contribuíram para o desenvolvimento dessa tradição literária de autoria feminina negra, que se consolida nos anos 1980.

O reconhecimento das escritoras negras foi árduo, devido às múltiplas formas de opressão que enfrentavam em virtude de sua identidade racial e de gênero, e, na maioria das vezes, do fato de serem empobrecidas. Essa opressão teve diversos efeitos nefastos, como o acesso limitado à educação, a entrada precoce no mercado de trabalho – geralmente como trabalhadoras domésticas ou ocupando outras posições igualmente subestimadas, mal pagas e estressantes – e a falta de oportunidades de crescimento. Todos esses fatores de certa forma se combinam e acabam por prejudicar a aquisição das habilidades de leitura e escrita por essas mulheres. Em decorrência disso, não é de se admirar que, principalmente nos séculos XVIII e XIX, existissem poucas escritoras negras (MORRISON, 1992).

A estudiosa afro-americana Mary Helen Washington (1982) afirma que o bloqueio às intelectuais negras na entrada dos espaços tradicionais de produção de conhecimento até o século XX fez com que elas recorressem principalmente a espaços alternativos, como música, literatura e conversas cotidianas, para expressar seus pontos de vista e preocupações. Essa agência nesses espaços contribuiu para a (re)construção de uma consciência positiva para as mulheres negras. Washington postula que, em um momento de rápidas mudanças e debates, a prática literária foi relevante para as escritoras negras em busca da (re) construção da identidade feminina afro-americana. No caso das escritoras negras africanas e caribenhas, seus escritos também têm procurado contribuir para a construção de uma identidade consciente positiva para as mulheres negras em seus respectivos contextos.

A literatura feminina negra representa um tipo de literatura engajada, pois, por sua qualidade estética sempre inovadora, se constitui como meio de expor e denunciar a violência que constitui a vivência de grande parte da população feminina negra. A crítica literária feminista branca Rita Felski utiliza o termo “dupla visão” da literatura, para ressaltar que a crítica literária não deve perder de vista o estético nem o ideológico (FELSKI, 2003, p. 21). Esses aspectos estético e ideológico por certo estão presentes nas obras de escritoras negras, uma vez que sua escrita pressupõe uma

preocupação com a condição social das mulheres negras sem deixar de apresentar qualidade inovadora da escrita. Para as mulheres negras, escrever foi também um meio de transcender à opressão: sua obra ficcional aponta para uma resistência necessária à opressão enfrentada, para uma busca de superação e reexistência.

Pensando a força da prática literária, a teórica francesa branca Denise Jodelet afirma que a literatura constitui ação anti-institucionalizadora na cultura, uma vez que representa um espaço privilegiado de (re) produção simbólica de significados. A literatura pode contribuir para a transformação das representações sociais, ou para a subversão das concepções (JODELET, 2009). A representação literária constitui ação formadora, em relação ao sujeito, contribuindo para (re)construir ou desconstruir sua visão de mundo. (COMPAGNON, 1999).

A produção das escritoras negras contribui para reconstruir as práticas discursivas e sociais – vistas como atos discursivos de (re) construção e negociação de conhecimentos e valores estéticos, ideológicos e socioculturais, que foram naturalizadas e que marginalizam as mulheres negras. Nesse sentido, a literatura constituída por suas obras visa a redefinição dos papéis e espaços sociais historicamente reservados às mulheres negras em uma sociedade que ainda perpetua as desigualdades relacionadas a raça e gênero.

A ESCRITA FEMININA NEGRA NO CAMPO LITERÁRIO

A fim de avaliar a escrita feminina negra no campo literário, vale a pena refletir sobre a concepção de Bourdieu (1996) quanto à operação do poder dentro do campo. Em sua perspectiva, a estrutura do campo literário abarca relações entre diversas posições de agentes e instituições. Para o autor, como todos os campos, o campo literário impõe sua lógica aos agentes que dele participam e, ao fazê-lo, gera uma prática específica que, com o tempo, se naturaliza por meio da reprodução. Ele denomina de *habitus* essa prática comportamental reprodutiva naturalizada dentro do campo literário

(1996, p. 294). São as práticas dos agentes, subjugados por um *habitus*, que garantem a reprodução da lógica e das estruturas do campo (1996, p. 294).

Ainda, na concepção de Bourdieu (1996), o campo literário se caracteriza pela imposição de critérios próprios para a avaliação de sua realidade. Tal imposição se dá principalmente por meio do estabelecimento de objetivos incorporados, que são tidos como naturais pelos agentes que participam do campo; e o campo exige adesão aos seus códigos, regras e práticas, ou seja, ao seu *habitus*. Nesse sentido, o campo torna-se exclusivo, pois limita as práticas. É, portanto, restrito a grupos específicos, não admitindo aqueles que não cumprem o seu *habitus*.

Nessa concepção, o campo literário passa a ser um espaço de luta pelo poder entre seus agentes. Tal luta surge também porque o campo literário constrói um capital que tem valor simbólico, que se sustenta desde que seja socialmente reconhecido (BOURDIEU, 1996). Há disputa pelo capital simbólico – o prestígio e outros benefícios que o campo oferece –, a qual leva ao reconhecimento e à sustentação de perspectivas e vozes individuais que ganham, conseqüentemente, destaque dentro do campo. Acumular capital simbólico significa ter o poder de legitimar cosmovisões, posições e crenças, o que também significa ser capaz de excluir cosmovisões diferentes.

Ao discutir o campo literário, na perspectiva da teoria e da crítica feminista, a pesquisadora brasileira Virgínia Leal (2010) explica que esse espaço de luta pelo poder limitou por muito tempo o acesso das escritoras brasileiras, tanto negras quanto brancas. Para Leal, o reconhecimento gradual das obras dessas escritoras no campo literário se deve aos esforços da crítica literária feminista:

Pontuada por nomes, aqui e ali, a história da literatura de autoria feminina tem sido contada, principalmente, graças ao empenho da crítica literária feminista – fruto direto do feminismo enquanto movimento social e político. [...] No escopo das escritoras brasileiras, se feministas ou não, se trabalham questionando ou ratificando os papéis tradicionais de gênero, se querem

fazer parte ou negam a existência de uma literatura feminina, isso cada trajetória, cada obra e cada perspectiva crítica poderá responder. Contudo, ao aparecer um nome de mulher na capa de um livro, o conceito de gênero, necessariamente, movimenta-se, pois está vinculado ao sistema de significações presentes em uma sociedade. (LEAL, 2010, p. 184).

No caso específico das escritoras negras, observamos que elas querem trabalhar não apenas com a questão de gênero, mas também com a de raça. O foco principal das obras produzidas por escritoras negras africanas, caribenhas e estadunidenses recai sobre as pessoas negras e, mais especificamente, sobre meninas e mulheres negras. Essas escritoras, em diferentes momentos de sua carreira, são injustamente obrigadas a justificar essa escolha, como no caso da escritora afro-americana Toni Morrison, que, em entrevista concedida em 1998 e veiculada no Youtube com a provocativa legenda “Toni Morrison se recusa a privilegiar os brancos em seus romances!”⁵, diz que normalmente tem que responder se pode imaginar escrever romances centrados em questões outras que não raça. Morrison interpreta a pergunta, afirmando que o que verdadeiramente querem lhe perguntar é se ela, uma escritora negra, tem a capacidade de escrever sobre brancos. A autora então destaca que escritores como Tolstói, Zola e James Joyce sempre escreveram sobre raça, mas nunca tiveram que lidar com essa pergunta nem explicar o motivo de terem escrito sobre tal tema, pois, as representações dominantes não identificam os brancos como parte de um grupo racial (MORRISON, 1998)⁶.

⁵ Em inglês: *Toni Morrison refuses to privilege white people in her novels!*

⁶ A argumentação de Morrison nos remete à perspectiva do pesquisador brasileiro Luis Felipe Miguel (2010), que, expressando preocupação com a naturalização de determinadas categorias pelas relações de poder e das vozes dominantes na representação universal, indica como se dá o enganoso ideal da imparcialidade: “É assim que só as mulheres têm sexo, só os negros têm raça, só os trabalhadores pertencem a uma classe social, só os gays têm orientação sexual” (MIGUEL, 2010, p. 31).

No vídeo, Morrison aponta que, pela naturalização da visão dominante sobre as pessoas negras como tendo raça, as suas experiências são racializadas, pois a representação de sua existência é mediada pela raça. Como tal, no campo literário, as escritoras e escritores negros não são vistos apenas como escritores ou artistas, mas como escritoras negras e escritores negros, artistas negras/os, periféricas/os à literatura *mainstream* ou à arte *mainstream*.

Ainda na entrevista, Morrison cita críticas que ela recebeu no início de sua carreira, críticas que a julgavam como escritora amadora por não enfrentar a “real responsabilidade” de escrever sobre o “real confronto” dos negros, que seria o sujeito branco. Tal comentário, como destaca Morrison, sugere que o tema mais adequado para um escritor gira em torno dos brancos, o que supostamente demandaria maior esforço artístico do que escrever sobre pessoas “marginalizadas”.

Morrison afirma que uma concentração nos brancos em seus romances significaria que a vida dos personagens negros não teria sentido sem o *white gaze* [olhar branco]. Por isso, ela sempre buscou ter o cuidado de evitar dar predominância em sua escrita à perspectiva branca, à cultura branca, aos personagens brancos. Ela enfatiza que, não permitir que o olhar branco se torne predominante em sua escrita, possibilitou que ela mantivesse sua autoridade como escritora racializada, o que para ela foi uma espécie de libertação.

Morrison foi a primeira escritora negra a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura (1994). Isso, junto com o número crescente de escritoras negras que ganharam outros prêmios para a literatura, aponta para sua luta inabalável para reivindicar o espaço que merecem no campo literário, que não pode mais negligenciar suas vozes.

A TRADUÇÃO E O POLISSISTEMA LITERÁRIO

Para desenvolver uma reflexão sobre a tradução da literatura feminina negra, é importante mencionar a teoria dos polissistemas desenvolvida pelo teórico israelense Itamar Even-Zohar (1979). Para ele, o sistema literário de uma cultura não opera isoladamente, uma vez que representa um elemento do sistema cultural da linguagem, que, por sua vez, está em permanente interação com outros sistemas de outras culturas. A abordagem sistêmica do teórico propõe a construção de hipóteses sobre como os vários elementos operam nos sistemas semióticos – cultura, língua, literatura e sociedade –, com o objetivo de analisar a complexa dinâmica das suas inter-relações e compreender “as leis que governam a diversidade e a complexidade dos fenômenos, ao invés de apenas registrá-los e classificá-los” (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 24, tradução nossa)⁷. Um polissistema é “um sistema múltiplo, um sistema composto de vários sistemas, que são inter-relacionados e que funcionam por meio de diferentes guias, mas que funcionam em uma estrutura integrada, cujos membros são interdependentes” (EVEN-ZOHAR, 1979, p. 290, tradução nossa)⁸.

Em relação ao campo literário, o pensamento de Even-Zohar se baseia também nos conceitos de “sistema canonizado” e “sistema não canonizado” (1979, p. 298). Ele explica que, em um determinado momento histórico, o sistema canonizado compreende obras e autores que reproduzem os valores ideológicos dos patronos – que são os que tomam as decisões no campo (LEFEVERE, 1992). Por outro lado, o sistema não canonizado inclui obras e autores que representam valores estéticos, distintos daqueles influenciados por patronos. Com isso, os autores do sistema não canonizado

⁷ Em inglês: [...] *those rules governing the diversity and complexity of phenomena rather than their registration and classification.*

⁸ Em inglês: [...] *a polysystem – a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent.*

não recebem o mesmo nível de apoio para publicação e publicidade em relação ao investimento recebido pelos autores do sistema canonizado.

Na concepção do Even-Zohar, a evolução de determinado polisistema literário depende da tensão provocada pela competição entre os repertórios canônicos e não canônicos dentro de seus respectivos sistemas, uma vez que os princípios literários inovadores e periféricos lutam para chegar ao centro do polissistema, onde os princípios conservadores são encontrados. Quando os princípios literários inovadores chegam à posição central, eles passam a adotar uma postura conservadora e permanecem centrais até serem substituídos pelos próximos princípios inovadores.

Com o mapeamento da tradução da autoria feminina negra anglófona das Américas e da África, pretende-se entender o lugar que essa literatura ocupa em relação à concepção de polissistemas de Even-Zohar. Essa informação possibilitará a construção de hipóteses sobre a visibilidade dessa autoria em relação à sua importância nos contextos em que se desenvolve.

METODOLOGIA DE PESQUISA

Conforme apontado anteriormente, busca-se neste trabalho mapear trabalhos ficcionais e não ficcionais da autoria feminina negra anglófona das Américas e da África e de sua tradução no Brasil. No que diz respeito ao campo dos Estudos de Tradução, os mapeamentos são importantes porque permitem analisar o impacto de determinada produção na área. Não se pode esquecer que foi o primeiro mapeamento dos Estudos de Tradução, realizado por Holmes (1988) no contexto europeu, que resultou no norteamento, e subsequentemente, no avanço dos estudos na área. No Brasil, o trabalho sobre teses e dissertações desenvolvido por Pagano e Vasconcellos (2003) possibilitou a localização dos estudos já realizados nesse contexto e revelou caminhos em que é preciso avançar. Como afirmam as autoras, um mapeamento é necessariamente limitado, pois

[...] um mapa não é o território mapeado; ou seja, trata-se de uma representação, de um quadro sinóptico, através do cotejamento de uma configuração – construída para fins do mapeamento – em outra configuração que se depreende do terreno a ser representado. Assim, o mapeamento irá, necessariamente, ser (i) influenciado pelo construto a partir do qual o mapeamento é feito e (ii) limitado pela cobertura não exaustiva do território. (PAGANO e VASCONCELLOS, 2003 p. 2).

Nesse sentido, é necessário fazer recortes. Já no início, algumas decisões difíceis foram tomadas quanto aos tipos de narrativas a ser mapeados – seriam contos, romances, memórias, crônicas? – e às autoras que fariam parte do levantamento – apenas as reconhecidas pela academia ou as de apelo popular? No que se refere ao primeiro ponto, decidiu-se trabalhar apenas com romances e memórias, uma vez que crônicas e contos podem ser de difícil acesso por serem publicados, em alguns casos, em revistas e em outros veículos que podem não possibilitar o trabalho com uma coleção completa. O que se queira era avaliar uma coleção completa de memórias e romances publicados e traduzidos no período escolhido, embora se aceite o risco de alguma obra ter sido acidentalmente excluída. Em relação ao segundo ponto, optou-se por incluir as escritoras que podem não ter reconhecimento nos espaços acadêmicos, mas cujas obras têm atraído grande público, por exemplo, devido a sua adaptação para o cinema.

De forma geral, o levantamento de dados se deu pela busca em sites oficiais das escritoras e de revistas acadêmicas, no site da Amazon.com.br – por ser o espaço que contém a maior quantidade de obras publicadas no Brasil e no exterior –, assim como em sites indicados pela ferramenta geral de pesquisa, o *Google*. Essas fontes se mostram proveitosas não apenas por providenciarem informações sobre cada autora pesquisada, mas também por nos terem apresentado autoras negras cuja obra infelizmente até então não conhecíamos.

A primeira etapa do levantamento, feito, importante lembrar, no final de 2019, incluiu a busca no *Google* com os termos “autoras negras traduzidas no Brasil”. A falta de resultados plausíveis apontou a inexistência de um trabalho de mapeamento parecido com o que se queria fazer, o que, de certa forma, foi animador. Em uma segunda tentativa, com os termos “obras literárias negras traduzidas”, chegamos a apenas um artigo acadêmico, da pesquisadora Luciana Mesquita Silva (2011), que contém informações sobre a obra de Toni Morrison.

A padronização da primeira etapa do levantamento foi enfim alcançada pela busca no *Google* por escritoras negras de cada região – Caribe, África, América do Norte – com os termos “escritoras negras africanas”, “escritoras negras caribenhas”, e assim por diante. Com acesso a uma lista de escritoras de cada região, foi possível verificar as obras publicadas por cada uma e as respectivas traduções na Wikipédia e na Amazon.com.br. Em casos de dúvidas quanto ao número total de obras e traduções, outras fontes de informações a que se recorreu foram os sites oficiais das escritoras (quando existentes), livrarias *online* e revistas acadêmicas.

Na análise do que foi coletado, buscou-se identificar, por um lado, o número existente de escritoras negras anglófonas dos continentes americano e africano, especificando-se quantas obras cada uma produziu, e, por outro, já com interesse na recepção dessa literatura, quais dessas escritoras negras haviam sido traduzidas no contexto brasileiro e quantas de suas obras estavam assim disponíveis. Portanto, foram consideradas as seguintes categorias, que nos ajudaram a agrupar as informações: Autoras e sua nacionalidade; Narrativas publicadas até 2018; Narrativas traduzidas no Brasil até 2019; Prêmios recebidos pelas autoras pelo conjunto de romances e memórias.

Essas categorias geraram três grandes quadros informativos, que receberam os títulos: a) Narrativa feminina negra caribenha; b) Narrativa feminina negra africana e c) Narrativa feminina negra norte-americana, como se vê nas próximas páginas. Importante destacar que o agrupamento das autoras nos quadros foi feito com base na sua origem e não no local

onde estão radicadas (na época do levantamento de dados). Dessa forma, por exemplo, algumas africanas e afro-caribenhas que residem nos EUA e no Canadá foram consideradas como escritoras negras africanas e afro-caribenhas, de acordo com seu país de nascimento, respectivamente, com sinalização, no quadro, da sua segunda cidadania. Essa decisão metodológica se justifica diante da relevância que a origem dessas mulheres tem na sua escrita, que em grande parte retrata aspectos da vida em suas culturas de origem.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Conforme já antecipado nas páginas anteriores, as informações coletadas foram agrupadas em quadros, cada um dos quais está associado a um espaço geográfico, da seguinte forma: Figura 1: Quadro informativo da narrativa feminina negra caribenha; Figura 2: Quadro informativo da narrativa feminina negra africana, e Figura 3: Quadro informativo da narrativa feminina negra norte-americana. Passemos então ao primeiro.

Figura 1: Quadro informativo da narrativa feminina negra caribenha

Autoras e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
<p>Althea Prince (1945) Antiguana-Canadense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Loving This Man (2001) 	<p>-</p>	<p>-</p>
<p>Edwidge Danticat (1969-) Haitiana-Estadunidense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Breath, Eyes, Memory (1994) - The Farming of Bones (1998) - Behind the Mountains (2002) - The Dew Breaker (2004) - Anacaona: Golden Flower, Haiti, 1490 (2005), - Brother, I'm Dying (2007) - Claire of the Sea Light (2013) - Untwine (2015) - The Art of Death (2017) 	<p>-</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 1994 Fiction Award The Caribbean Writer - 1996 Granta magazine's Best Young American Novelists - 1999 American Book Award for The Farming of Bones - 1999 The International Flaiano Prize for literature - 1999 The Super Flaiano Prize for The Farming of Bones - 2005 The Story Prize for The Dew Breaker - 2005 Anisfield-Wolf Book Award for "The Dew Breaker" - 2007 The National Book Critics Circle Award for Brother, I'm Dying - 2008 Dayton Literary Peace Prize for Brother, I'm Dying - 2009 The Nicolas Guillen Philosophical Literature Prize, Caribbean Philosophical Association - 2011 Langston Hughes Medal, City College of New York - 2011 OCM Bocas Prize for Caribbean Literature for Create Dangerously - 2014 Andrew Carnegie Medal for Excellence in Fiction, shortlist for Claire of the Sea Light - 2014 PEN Oakland Josephine Miles Literary Award - 2017 Neustadt International Prize for Literature

Autoras e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
<p>Elizabeth Nunez (1944-) Trinidadiana-Estadunidense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - When Rocks Dance (1986) - Beyond The Limbo Silence (1998) - Bruised Hibiscus (2000) - Discretion (2002) - Grace (2003) - Prospero's Daughter (2006) - Anna In Between (2010) - Boundaries (2011) - Not for Everyday Use (2014) - Even in Paradise (2016) 	-	-
<p>Erna Brodber (1940-) Jamaicana</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Jane and Louisa Will Soon Come Home (1980) - Myal: A Novel (1988), - Louisiana (1994) - The Rainmaker's Mistake (2007), - Nothing's Mat (2014) 	-	<p>Commonwealth Writers' Prize in (1989) for "Myal"</p> <p>the Jamaican Musgrave Gold Award for Literature and Orature (1999)</p> <p>Windham–Campbell Literature Prize (2017)</p>

Autoras e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
<p>Jamaica Kincaid (1949) Antiguana-Estadunidense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Annie John (1985) - Lucy (1990) - The Autobiography of My Mother (1996) - Mr Potter (2002) - See Now Then (2013) 	<p>-</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 1984: Morton Dauwen Zabel Award of the American Academy of Arts and Letters for “At the Bottom of the River” - 1985: Guggenheim Award for Fiction - 1985: Finalist for the International Ritz Paris Hemingway Award for Annie John - 1997: Anisfield-Wolf Book Award for The Autobiography of My Mother - 1999: Lannan Literary Award for Fiction - 2000: Prix Femina Étranger for My Brother - 2010: Center for Fiction’s Clifton Fadiman Medal for Annie John - 2014: Before Columbus Foundation American Book Award for See Now Then - 2015: Lila Wallace-Reader’s Digest Award. - 2017: Dan David Prize in Literature
<p>Merle Hodge (1944-) Trinidadiana</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Crick Crack, Monkey (1970) - For the Life of Laetitia (1993) 	<p>-</p>	<p>-</p>

Autoras e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
<p>Michelle Cliff (1946-2016) Jamaicana-Estadunidense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abeng (1985) - No Telephone to Heaven (1987) - Free Enterprise (2004) - Into the Interior (2010) 	<p style="text-align: center;">-</p>	<p>2009 Lambda Literary Award for LGBT nonfiction</p>
<p>Nalo Hopkinson (1960-) Jamaicana-Canadense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Brown Girl in the Ring (1998) - Midnight Robber (2000) - The Salt Roads (2003) - The New Moon's Arms (2007) - The Chaos (2012) - Sister Mine (2013) 	<p style="text-align: center;">-</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 1999 Locus Award for Best First Novel - 1999 John W. Campbell Award for Best New Writer for "Brown Girl in the Ring"
<p>M. Nourbese Philip (1947-) Trinidadiana-Canadense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Harriet's Daughter (1988) - Looking for Livingstone: An Odyssey of Silence (1991) 	<p style="text-align: center;">-</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 1998 – Casa de las Americas Prize -1989 – Max and Greta Abel Award for Multicultural Literature - 1991 – McDowell Fellow - 1995 – Toronto Arts Award in writing and publishing - 2001 – Rebels for a Cause Award - 2001 – Woman of Distinction Award in the Arts, YWCA - 2005 – Rockefeller Foundation Residency in Bellagio, Italy

Autoras e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Makeda Silvera (1955) Jamaicana-Canadense	- The Heart Does Not Bend (2002)	-	1992 – Stonewall Book Award
Staceyann Chin (1972) Jamaicana-Estadunidense	- The Other Side of Paradise - A Memoir (2009) - Crossfire: A Litany for Survival (2019)	-	- 2006 – GLAAD Media Award - 2016 – Helen Hayes Award

O primeiro quadro, na Figura 1, mostra que onze autoras negras caribenhas foram encontradas para a produção de romances e memórias. Entre elas, foram encontradas quarenta e sete obras. A maioria das escritoras ganhou prêmios por suas obras. Um ponto que merece destaque é que uma minoria dessas escritoras, três, possuem apenas uma nacionalidade, a caribenha. As outras autoras têm dupla nacionalidade: a caribenha combinada ou com a estadunidense ou com a canadense. Nesses casos, pode-se inferir que a nacionalidade da autora é determinante para sua (in)visibilidade, ponto esse relacionado a termos econômicos e não estilísticos: as autoras que residem no exterior têm mais possibilidade de promover internacionalmente as suas obras, principalmente nos países onde estão radicadas.

Figura 2: Quadro informativo da narrativa feminina negra africana

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Akwaeke Emezi (1987) Nigeriana	Freshwater (2018)	-	- 2019 Nommo Award for Freshwater - 2019 Otherwise Award for Freshwater
Ama Ata Aidoo (1942) Gâniãna	- Our Sister Killjoy (1977) - Changes: a love story (1992)	-	1992 Commonwealth Writers' Prize for Best Book
Aminatta Forna (1964-) Serra-Leonesa-Escocesa	- The Devil That Danced on the Water: A Daughter's Quest (Memoir, 2002) - Ancestor Stones (2006) - The Memory of Love (2010) - The Hired Man (2013) - Happiness (2018)	-	2011 Commonwealth Writers' Prize: Best Book

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Buchi Emecheta (1944-2017) Nigeriana-Inglesa	<ul style="list-style-type: none"> - In the Ditch (1972) - Second Class Citizen (1974) - The Bride Price (1976) - The Slave Girl (1977) - The Joys of Motherhood (1979) - The Moonlight Bride (1981) - Our Own Freedom (1981) - Destination Biafra (1982) - Naira Power (1982) - Adah's Story (1983). - The Rape of Shavi (1983) - Double Yoke (1982) - A Kind of Marriage (1986) - Gwendolen (1989) - Kehinde (1994) - The New Tribe (2000) 	<ul style="list-style-type: none"> - Cidadã de segunda classe (2018) - As alegrias da maternidade (2017) - No fundo do poço (2019) 	<ul style="list-style-type: none"> - 2017 The Caine Prize
Chika Unigwe (1974) Nigeriana-Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - On Black Sister's Street (2009) - Black Messiah (2014) - Night Dancer (2012) 	<ul style="list-style-type: none"> - 	<ul style="list-style-type: none"> -

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Chimamanda Adichie (1977-) Nigeriana-Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Purple Hibiscus (2003) - Half of a Yellow Sun (2006) - Americanah (2013) 	<ul style="list-style-type: none"> - Hibisco roxo (2011) - Americanah (2014) - Meio sol amarelo (2017) 	<ul style="list-style-type: none"> - 2007 Bailey's Women's Prize for fiction - 2007 Pen Open Book Award - 2007 Anisfield-Wolf Book Award for fiction - 2008 Bolsa MacArthur - 2013 National Book Critics Circle Award
NoViolet Bulawayo (pseudônimo de Elizabeth Tshele) (1981-) Zimbabuense	<ul style="list-style-type: none"> - We Need New Names (2013) 	-	(2014) Hurston-Wright Legacy Award for Fiction for "We Need New Names"
Oyinkan Braithwaite (1988) Nigeriana	<ul style="list-style-type: none"> - My sister, the serial killer (2018) 	<ul style="list-style-type: none"> - Minha irmã, a serial killer (2019) 	<ul style="list-style-type: none"> - LA Times Award for Best Crime Thriller in 2019
Rutendo Tavengerwei (-) Zimbabuense	<ul style="list-style-type: none"> - Hope is our Only Wing (2018) 	<ul style="list-style-type: none"> - Esperança para voar (2018) 	

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Tomi Adeyemi (1993-) Nigeriana- Estadunidense	- Children of Blood and Bone (2018)	-	2018 – Goodreads Choice Award
Yaa Gyasi (1989) Ganense- Estadunidense	- Homegoing (2016)	- O Caminho de casa (2017)	- 2016 National Book Critics Circle's John Leonard Award for best first book; PEN/Hemingway Award for a first book of fiction - 2016: National Book Foundation's 5 under 35

O quadro na Figura 2 mostra que onze autoras negras africanas de romances e memórias foram encontradas no mapeamento. Existem trinta e quatro narrativas, sendo que nove destas foram traduzidas no Brasil até 2019. Identificou-se um fenômeno semelhante em relação às escritoras negras caribenhas: a maioria das autoras africanas possuem dupla nacionalidade. Das onze autoras mapeadas, seis possuem nacionalidade ou estadunidense ou inglesa ou escocesa. O quadro mostra também que a maioria das autoras ganhou prêmios para sua produção de romances e memórias.

Figura 3: Quadro informativo da narrativa feminina negra norte-americana

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Afua Cooper (1957-) Jamaicana-Canadense	- The Hanging of Angélique: The Untold Story of Canadian Slavery and the Burning of Old Montréal (2007)		
Alice Walker (1944-) Estadunidense	- The Third Life of Grange Copeland (1970) - Meridian (1976) - The Color Purple (1982) - The Temple of my Familiar (1989) - Possessing the Secret of Joy (1992) - By the Light of my Father's Smile (1998) - The Way Forward is With a Broken Heart (2000) - Now Is the Time to Open your Heart (2005)	- A Cor Púrpura (1987) - O Templo dos Meus Familiares (1990)	- (1983) National Book Award, - (1983) Pulitzer Prize - 2004 NAACP Image Award
Angela Davis (1944) Estadunidense	- An Autobiography (1974)	- Uma Autobiografia (2019)	
April Sinclair (1954-) Estadunidense	- Coffee Will Make You Black (1994) - Ain't Gonna Be the Same Fool Twice (1995) - I Left My Back Door Open (1999)		

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Dionne Brand (1953) Canadense	<ul style="list-style-type: none"> - In Another Place, Not Here (1996) - At the Full and Change of the Moon (1999) - What We All Long For (2005) - Love Enough (2014) 		- 2006 City of Toronto Book Award
Dorothy West (1907-1998) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - The Wedding (1995) 		
Elizabeth Alexander (1962-) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - The Light of the World: A Memoir (2015) 		
Ernessa T. Carter Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - 32 Candles (2010) 		
Esi Edugyan (1978) Canadense	<ul style="list-style-type: none"> - The Second Life of Samuel Tyne (2004) - Half-Blood Blues (2011) - Dreaming of Elsewhere: Observations on Home (2014) - Washington Black (2018) 		- 2011 Scotiabank Giller Prize
Helena Andrews (1980-) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Bitch is the New Black: a Memoir (2010) 		

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Jael Ealey Richardson Canadense	- The Stone Thrower (2012)		
Jesmyn Ward (1977-) Estadunidense	- Where the Line Bleeds (2008) - Salvage the Bones (2011) - Men We Reaped (2013) - The Fire This Time (2016) - Sing, Unburied, Sing: a novel (2017)		- 2017 National Book Award: - 2018 PEN/Faulkner de Ficção - 2017 Goodreads Choice Awards - 2018 National Book Critics Circle Award - 2018 NAACP Image Award
Julie Dash (1952-) Estadunidense	- Daughters of the Dust: A Novel (1999)		
Lucille Clifton (1936-2010) Estadunidense	- Generations: A Memoir (1976)		
Mairuth Sarsfield (1925-2013) Canadense	- No Crystal Stair (1997)		

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
<p>Maya Angelou (1924-2014) Estadunidense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - I Know Why the Caged Bird Sings (1969) - Gather Together in my Name (1974) - Singin' and Swingin' and Gettin' Merry Like Christmas (1976) - The Heart of a Woman (1981) - All God's Children Need Traveling Shoes (1986) - A Song Flung Up to Heaven (2002) - Mom & Me & Mom (2013) 	<ul style="list-style-type: none"> - Eu sei por que o pássaro canta na gaiola (2018) - Mamãe & Eu & Mamãe (2018) 	<ul style="list-style-type: none"> - NAACP Image Award 2009, 2005, 2003 - Goodreads Choice Awards 2013 - NAACP Image Award 2014 - Coretta Scott King Award for Authors 1971 - Writers Guild of America Award 1980
<p>Ntozake Shange (1948 – 2018) Estadunidense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - For Colored Girls Who Have Considered Suicide/ When the Rainbow is Enuf (1976) - Sassafrass, Cypress & Indigo (1982) - Betsey Brown (1985) - The Black Book (1986) - Liliane (1994) - Some Sing, Some Cry (2010) 		
<p>Octavia Butler Estadunidense</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Kindred (1979) - Fledgling (2005) 	<ul style="list-style-type: none"> - Kindred: laços de sangue (2017) 	

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Pearle Cleage (1948-) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - The Brass Bed and Other Stories (1991) - What Looks Like Crazy on an Ordinary Day (1997) - I Wish I Had a Red Dress (2001) - Some Things I Never Thought I'd Do (2003) - Babylon Sisters: A Novel (2005) - Baby Brother's Blues (2006) - Seen It All and Done the Rest (2008) - Till You Hear from Me (2010) - Just Wanna Testify (2011) 		<ul style="list-style-type: none"> - NAACP Image Award 2011, - GLAAD Media 2004
Shiela Williams Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Dancing on the Edge of the Roof (2002) - The Shade of my Own Tree (2003) - On the right side of a dream (2005) - Girls most likely (2006) 		

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Terry Macmillan Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Mama (1987) - Disappearing Acts (1989) - Waiting to Exhale (1992) - How Stella Got Her Groove Back (1996) - A Day Late and a Dollar Short (2001) - The Interruption of Everything (2006) - Getting to Happy (2010) - Who Asked You? (2013) - I Almost Forgot About You (2016) 		<ul style="list-style-type: none"> - NAACP Image Award 1997
Tina McElroy Ansa (1949-) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Baby of the Family (1989) - Ugly Ways (1995) - The Hand I Fan With (1998) - You Know Better (2002) - Taking after Mudear (2007) 		
Toni Cade Bambara (1939-1995) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - The Salt Eaters (1980) - Those Bones Are Not My Child (1999) 		<ul style="list-style-type: none"> - (1981) American Book Award for “The Salt Eaters”

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Toni Morrison (1931-2019) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - The Bluest Eye (1970) - Song of Solomon (1977) - Tar Baby (1981) - Sula (1984) - Beloved (1987) - Jazz (1992) - Paradise (1998) - Love (2003) - A Mercy (2008) - Home (2012) - God Help the Child (2015) 	<ul style="list-style-type: none"> - O Olho Mais Azul (2003) - A Canção de Solomon (1977) - Pérola Negra (1987) - Amada (1987) - Jazz (1992) - Paraíso (1998) - Amor (2005) - Compaixão (2009) - Voltar para Casa (2016) - Deus Ajude a Criança (2018) 	<ul style="list-style-type: none"> - (1993) The Nobel Prize - (1988) Pulitzer Prize for Fiction - (1988) American Book Award
Paule Marshall (1929-2019) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Soul Clap Hands and Sing (1961) - The Chosen Place, the Timeless People (1969) - Praisesong for the Widow (1983) - Daughters (1991) - The Fisher King: A Novel (2001) 		
Asha Bandele Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - The Prisoner's Wife: A Memoir (1999) - Daughter (2003) - Something Like Beautiful: One Single Mother's Story (2009) - When They Call You a Terrorist: A Black Lives Matter Memoir (2018) 		

Autora e sua nacionalidade	Narrativas publicadas até 2018	Narrativas traduzidas no Brasil até 2019	Prêmios pelo conjunto de romances e memórias
Ramona Lafton (Sapphire) (1950) Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Push (1996) - The Kid (2011) 		
Rebecca Walker Estadunidense	<ul style="list-style-type: none"> - Black, White and Jewish: Autobiography of a Shifting Self (2000) - Baby Love: Choosing Motherhood After a Lifetime of Ambivalence (2007) - Black Cool: One Thousand Streams of Blackness (2012) - Adé: A Love Story (2013) 		
Suzette Mayr (1967) Canadense	<ul style="list-style-type: none"> - Moon Honey (1995) - The Widows (1998) - Venous Hum (2004) - Monoceros (2011) - Dr. Edith Vane and the Hares of Crawley Hall (2017) 		- Relit and W. O. Mitchell Awards 2011
Trey Anthony (1983-) Inglesa-Canadense	<ul style="list-style-type: none"> - 'Da Kink in My Hair (2005) -How Black Mothers Say I Love You (2017) 		

O quadro presente na Figura 3 apresenta trinta escritoras negras norte-americanas que foram encontradas na pesquisa. As produções de romances e memórias, entre elas, dão um total de cento e dez, das quais

dezesseis foram traduzidas para a língua portuguesa no contexto brasileiro. O quadro mostra também que ocupa lugar de destaque a escritora Toni Morrison, com onze obras produzidas, dez das quais foram traduzidas no Brasil. Em relação aos prêmios, as escritoras norte-americanas, na maioria, ganharam prêmios para sua produção de romances e memórias.

DISCUSSÃO DOS DADOS

Como mostram os dados dos quadros presentes na Figuras 1 a 3, em geral, há relativamente pouca tradução no contexto brasileiro das obras de escritoras negras do Caribe, da América do Norte e da África. Mais especificamente, no que se refere à região do Caribe, dos quarenta e sete romances e memórias produzidos entre onze escritoras até o ano de 2019, nenhum foi traduzido para o português do Brasil (Figura 1). Felizmente, tal situação é diferente para as obras de escritoras negras africanas. Das trinta e quatro narrativas escritas entre onze escritoras, nove foram traduzidas no Brasil, o que equivale a uma taxa de tradução de 26,4% (Figura 2). No caso das trinta escritoras negras norte-americanas encontradas, de cento e dez de seus romances e memórias, dezesseis foram traduzidos para o português brasileiro, resultando em uma taxa de tradução de 14,5% (Figura 3).

Olhando os dados de uma perspectiva mais comparativa, eles mostram que as escritoras negras anglófonas mais traduzidas no Brasil são as africanas. Os dados mostram, no entanto, que a maioria destas escritoras é radicada em países hegemônicos, Inglaterra e EUA, apontando mais uma vez para a questão da (in)visibilidade das escritoras em relação à sua localização: as que são radicadas nos EUA e na Inglaterra parecem ter mais visibilidade no Brasil do que as que são radicadas no continente Africano. A nosso ver, isso sugere que a validação da autoria feminina negra no campo literário brasileiro depende do sucesso das obras em países hegemônicos.

A ausência de traduções no Brasil de autoria feminina negra caribenha nos aponta para um espaço inexistente dessa literatura no sistema literário brasileiro; no Brasil, parece haver pouco ou nenhum interesse por

essa tradução, publicação e comercialização. Embora todas as obras levantadas aqui sejam não canônicas, pode-se identificar diferentes graus de recepção no Brasil: enquanto algumas vozes têm certo nível de inclusão, outras são negligenciadas.

Vale ressaltar aqui a importância de ter a disponibilidade de literatura feminina negra, seja escrita diretamente em português ou traduzida para o português, no contexto brasileiro, uma vez que grande parte de sua população é composta por pessoas negras e pardas. É justo que essa parcela da população esteja representada adequadamente na literária, que tem papel formador (BOURDIEU, 1996), conforme discutiu-se anteriormente. Mulheres negras brasileiras, crianças negras, que foram historicamente oprimidas nessa sociedade, precisam e merecem ver protagonistas em livros que se assemelhem a elas e que representem a sua realidade, protagonistas negras essas retratadas em diferentes histórias, locais e papéis, e não restritas a espaços subalternos. Tal representação em espaços subalternos de protagonistas negros homogeneizados é comum na literatura branca tradicional, ocupante da posição central no campo literário brasileiro. Ao se referir especificamente ao contexto brasileiro, os pesquisadores brasileiros Cibele Araújo, Luciana Silva e Dennys Silva-Reis se manifestam contra a negligência geral da voz feminina negra no que diz respeito às produções culturais em tradução. Apontam que que “a escolha da obra a ser traduzida pode equilibrar o leque de representações femininas, restituindo à mulher negra o direito de se reconhecer positivamente na literatura e nos produtos culturais que consome” (2019, p. 6).

Os dados desta pesquisa mostram que, no Brasil, a autoria feminina negra do Caribe, da América do Norte e da África não tem sido suficientemente valorizada e merece mais atenção. Talvez, a pouca disponibilização dessa autoria em português brasileiro tenha chamado a atenção principalmente de iniciantes no aprendizado da língua inglesa e de autoras negras brasileiras interessadas em pesquisas. Atraiu leitores atentos às obras *bestsellers*, como é o caso do romance *Americanah*, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2013), cuja versão traduzida para o português por Julia Romeo e publicada em 2014 com o mesmo título popu-

larizou-se entre jovens e adultos no Brasil após o sucesso de vendas nos EUA. Isso sugere mais uma vez que o mercado de tradução para a autoria feminina negra no Brasil parece se basear no nível de sucesso da obra no exterior, o que, a nosso ver, aponta para a redução do poder do campo literário brasileiro. É nossa visão que o campo literário, por meio do poder e do papel da representação, tem grande influência na formação do interesse dos leitores, devendo exercer esse poder para nivelar o campo, tornando-o um espaço mais democrático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação à literatura feminina negra e sua tradução, pode-se dizer que operam em um espaço não canônico no polissistema literário. As escritoras negras representam, necessária e intencionalmente, valores e prioridades sociais em suas narrativas que são diferentes, mas certamente não inferiores às dos escritores canônicos, em sua maioria brancos e masculinos. Podemos construir aqui a hipótese de que, por não receber o mesmo nível de investimento e marketing que os escritores canônicos, existe um baixo percentual de tradução da autoria feminina anglófona negra no contexto brasileiro.

Indubitavelmente, o papel da tradução no que diz respeito à visibilidade de qualquer autoria literária é de grande relevância. Acredita-se que a autoria feminina negra caribenha, norte-americana e africana pode contribuir para o campo literário brasileiro e o seu contexto social. Desse modo, merece maior atenção no mercado de tradução desse contexto. Esperamos que por meio da resistência, as escritoras negras continuarão a lutar para conquistar o seu merecido espaço nos sistemas literários, como forma de adquirir uma voz fortalecida para as mulheres negras, para que elas possam ter acesso a novos espaços, novas dimensões nas quais elas poderão eliminar a opressão sofrida e criar para elas uma nova existência de liberdade, uma reexistência.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda N. *Americanah*. New York: Anchor Books, 2013.
- ADICHIE, Chimamanda N. *Americanah*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- ARAÚJO, Cibele; SILVA, Luciana; SILVA-REIS, Dennys. Estudos da Tradução & Mulheres Negras à luz do feminismo. *Revista Ártemis*, 27(1), 2019: (2-13).
- BEAUVOIR, Simone. *Le Deuxième Sexe*. Tomes I et II. Paris: Gallimard, 1949.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. de Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. Polysystem Theory. *Poetics Today*, vol. 1, no. 1/2, 1979, pp. 287–310.
- FELSKI, Rita. *Literature after feminism*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- GATES, Henry. Jr.; McKAY, Nellie. (orgs.). *The Norton anthology of African American literature*. 1ª ed. New York: Norton, 1997.
- HAMILTON, Norma. *Feminismos e Literatura Contemporânea: Toni Morrison e outras escritoras feministas negras*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2020.
- HENDERSON, Mae. Speaking in tongues: dialogics dialectics, and the black woman writer's literary tradition. In: NAPIER, Winston (ed). *African American literary theory: a reader*. New York: New York University Press, 2000.
- JACOBS, Harriet Ann. *Incidents in the Life of a Slave Girl: written by herself*. Boston: Thayer & Eldridge, 1861.

JODELET, Denise. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. *Sociedade e Estado*, Brasília, v.24, n. 3, 2009: 679-712.

LEAL, Virginia. O feminismo como agente de mudanças no campo literário brasileiro. In: STEVENS, Cristina (org.). *Mulher e literatura – 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London; New York: Routledge, 1992.

SILVA, Luciana M. A escrita de Toni Morrison em tradução no Brasil: questões sobre ética em foco. Anais do XII Congresso Internacional da ABRALIC. UFRJ, Curitiba, 2011. Disponível em: <<https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0480-1.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2021.

MIGUEL, Luis Felipe. Perspectivas sociais e dominação simbólica: a presença política das mulheres entre Iris Marion Young e Pierre Bourdieu. *Revista Sociologia PósLit.*, Curitiba, v. 18, n. 36, 2010: 25-49.

MORRISON, Toni. *Entrevista* [concedida a Charlie Rose]. 1998. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F4vIGvKpT1c>>. Acesso em 02 fev. 2020.

MORRISON, Toni. *Playing in the dark: whiteness and the literary imagination*. New York: Vintage, 1992.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. Estudos da Tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990. *D.E.L.T.A.*19: especial, 2003: 1-25.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop*. Tese (Doutorado), Universidade de Campinas, São Paulo, 2009.

WALKER, Alice. In Search of our mothers' gardens. In: MITCHELL, Angelyn. (ed.), *Within the circle: an anthology of African American literary criticism from the Harlem Renaissance to the present*. Durham; London: Duke University Press, 1994.

WASHINGTON, Mary Helen. Teaching black-eyed Susans: an approach to the study of Black women writers. In: Hull, G. et. al. (eds.) *All the women are White, all the Blacks are men, but some of us are brave: black women's studies*. Old Westbury, N.Y.: Feminist Press, 1982.

WHEATLEY, Phillis. *Poems on Various Subjects, Religious and Moral by Phillis Wheatley, Negro Servant to Mr. John Wheatley, of Boston, in New England*. London: A. Bell, Aldgate: 1773.

WOOLF, Virginia. *A room of one's own*. London: Hogarth Press, 1929.

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

TRADUÇÃO COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E INCLUSÃO:

Vozes femininas negras

Este livro nasceu do desejo de discutir a (in)visibilidade da autoria feminina negra em sua relação com a atividade tradutória. Subjacente à argumentação dos artigos aqui contidos está o fato de que as produções teóricas e literárias de intelectuais e escritoras negras têm construído uma tradição epistemológica que se contrapõe à visão eurocêntrica e a ela resiste. Nesse sentido, é um conjunto de texto que, além de denunciar a opressão estrutural que sofrem as mulheres negras em sociedades patriarcais racistas, reivindica outros espaços e direitos, gerando representações mais adequadas e justas sobre o sujeito feminino negro. Nesse ato político de representar a si mesmas, essas vozes se tornam a autoridade de sua própria história. A tradução faz parte inegável desse processo, uma vez que define em grande parte quais vozes serão ouvidas, em que línguas e de que forma. Assim, o fazer tradutório se junta à produção de escritoras e intelectuais negras como instância de visibilidade, de crítica e, mais importante, de prática de resistência e inclusão.

